



**Não diga que tem amor, quem não tem atrevimento: a vivência de uma
ética que desemboca na cruz**

*Flávia Luiza Gomes**

Resumo

A comunicação propõe uma reflexão sobre a ética cristã do bem comum a partir dos ensinamentos de Jesus descritos no Evangelho de Lucas decorrentes de um banquete em dia de sábado. Diante da observação dos fariseus Jesus cura um homem hidrópico (14. 1-6) evidenciando que na lógica do Reino de Deus a vida humana tem sempre a primazia contrastando com o agir dos fariseus que deixavam o povo “doente” com a desculpa de servirem a Deus. Por meio da cura do homem Jesus ainda desmascara a competitividade social (14. 7-11) criticando o conceito de honra baseado no orgulho e ambição que geram aparências de justiça, mas escondem os maiores contrastes sociais. A cura desemboca no desmascaramento das relações interesseiras (14.12-14) no conselho ao fariseu que o tinha convidado para que ele convidasse a quem não poderia retribuir o convite. Jesus elucida a ética do Reino respondendo a uma exclamação com uma parábola em que mostra o que acontece por meio da vivência da ética do bem comum do Reino de Deus, onde a justiça derrota qualquer pretensão, interesse e competição. No desenrolar da cura de um excluído em dia de sábado, Jesus prossegue desmascarando a competitividade e as relações interesseiras ao narrar essa história com a qual mostra as relações novas, instauradas pela justiça do Reino de Deus (14.15-24), onde Deus prepara o banquete para os excluídos. Jesus explicita pontualmente as condições para entrar no Reino, o banquete, ou seja, para seguir o seu caminho (14.25-35) desafiando para a prioridade da vivência da ética do Reino explicitada por ele nesse dia de sábado. Aponta claramente para a renúncia do “inchaço” do orgulho, a sede de competição, a busca de interesses, a desculpa para não praticar a justiça. Desse modo, o evangelista, usando a imagem do sal, faz uma advertência aos discípulos para que não se tornem insípidos, mas que permaneçam fiéis à mensagem do Evangelho o que confronta a cristandade hodierna em suas posturas ante a vivência social que urge por uma resposta prática de adesão à ética do Reino bem mais do que a uma comunidade religiosa visando ao bem comum.

Palavras-chave: banquete; cura; amor; interesse; Reino.

* Mestre em Ciências da Religião pela PUC-MG. E-mail: lgflavia@hotmail.com



Introdução

Jesus sabe que as autoridades religiosas, os doutores da Lei e os fariseus o vigiam continuamente, armando ciladas para pegá-lo de surpresa (11.54). Mas, ele não só não foge como também enfrenta as autoridades e as desmascara. É a terceira vez que é convidado para uma refeição na casa de um fariseu (7.36; 11.37), e é dia de sábado.

Com a situação comum de comida ou convite, Lucas reúne quatro cenas que servem de instrução. Dos conselhos particulares passa à visão escatológica. Por ora Jesus é convidado e corresponde com seu ensinamento; no fim o Pai fará o convite.

O convite para um banquete no sábado oferece ocasião para vários ensinamentos (14.1-6). Os fariseus convidados o vigiam para avaliá-lo com os critérios das observâncias da Lei. Casa de fariseu, sábado, e a cilada: um homem hidrópico, isto é, com retenção de líquido e, portanto, inchado. Se a mulher curvada (13.10-17) era um símbolo do povo curvado por todos os pesos, e mais ainda o fardo da religião que não liberta ao condenar a cura no sábado enquanto outorga lícito soltar o animal para dar-lhe de beber, o hidrópico é este mesmo povo, inchado pelos ensinamentos dos fariseus, também estes inchados pelo orgulho pretensioso e hipócrita de serem perfeitos.

1. A Lei e o sábado

Eles ficam observando. Jesus sabe disso, e desafia: “A Lei permite ou não permite curar em dia de sábado?”. Eles ficam em silêncio, embaraçados. Jesus cura o homem e explica que a vida humana está acima de qualquer outra coisa até mesmo da instituição mais sagrada, como a do sábado. E os fariseus sabiam disso. Só que não era assim que agiam com o povo; ao contrário deixavam o povo inchado, isto é, doente, com a desculpa de servirem a Deus.

A comparação do filho ou do boi caídos num poço torna mais aguda a situação. O interesse pelo animal ou o dever paterno se sobrepõem à prescrição, e esses sentimentos não faltam a Jesus, explicitados extravagantes no socorro ao homem doente em detrimento do



levante eminente. Pois, ser salvo por Jesus é ser devolvido à vida e não retirado dela. Jesus inverte valores!

A cura do homem hidrópico dá a ocasião para Jesus “virar a mesa”, desmascarando a competitividade social (14. 7-11). Observando a competição pelos primeiros lugares, típica dos fariseus (20.46), Jesus retoma a sabedoria do povo (Provérbios 25.7), e dá uma lição nos inchados fariseus. Não é difícil imaginar a vergonha de ter que deixar o primeiro lugar e ir sentar-se no último. Melhor ocupar o último lugar e, se for o caso, passar pela honra de ser depois convidado para o primeiro.

O conselho de Jesus se conclui com uma lição de humildade que se opõe às preocupações hierárquicas do mundo judaico (v. 11). Ele desmascara a competitividade social em que todos brigam pela posição de proeminência, o primeiro lugar. Critica o conceito de honra baseado no orgulho e ambição que geram aparências de justiça, mas escondem os maiores contrastes sociais. Ensina que a honra do homem depende de Deus, o único que conhecesse sua situação real e global do homem, superando a crença que se pode ter nos seus próprios méritos.

2. Relações interesseiras

A cura do homem hidrópico também desemboca no desmascaramento das relações interesseiras (14.12-14). O conselho que Jesus dá ao fariseu que o tinha convidado é outra inversão: não convide amigos, irmãos, parentes, vizinhos ricos; convide pobres, aleijados, mancos, cegos. Os quatro primeiros são os convidados que podem retribuir o convite; os quatro últimos não podem retribuir.

No primeiro caso há uma relação comercial, no segundo uma relação de gratuidade. O texto relembra um ensinamento anterior sobre o amor (“... se vocês amam somente aqueles que os amam, que gratuidade é essa?...” 6.32-35), mostrando que o amor limitado e interesseiro não tem qualquer valor diante de Deus. O amor gratuito empenha o próprio Deus a aquele que ama com o dom da graça da ressurreição.

Interessante que muitos ao receberem um favor, um gesto de doação de alguém visando suprir sua necessidade não se constroem ou fazem cerimônia em colocar Deus para retribuir em seu lugar ao dizer: “Deus lhe pague”. Não se imputando a obrigação de retribuir, pois sabe de sua impossibilidade, assim como, provavelmente, quem se dispôs a dar, a



“convidar para seu banquete o pobre”. Jesus mostra que o amor verdadeiro não é comércio, mas serviço gratuito, pois o pobre não pode pagar e o inimigo não pode merecer. Assim, só Deus pode retribuir ao amor gratuito.

A novidade apresentada por Jesus, portanto, está no modelo de convidados e na recompensa escatológica desvelando que a beleza insondável do Reino está no ensino, percepção que insta à vivência e compreensiva de que a fé vive de afeto.

Após salientar a consequência da ressurreição para os que aderirem ao novo perfil de seus convidados, Jesus é elogiado, por um homem que estava à mesa e que certamente se sente generoso por se sentir satisfeito: “Feliz aquele que come pão no Reino de Deus”. Com a frase final, “a ressurreição dos justos”, se liga a exclamação desse homem, um provável fariseu. Ele se considera incluído entre esses justos e sonha com a sorte de participar do banquete com que o Messias inaugurará seu reinado.

3. O Reino de Deus

Entorno da questão da comida, banquete, onde Jesus elucida progressivamente o paradigma do Reino apontando para o amor gratuito nas relações, prossegue ensinando respondendo a um homem contanto uma parábola.

Jesus responde à exclamação do fariseu, “Feliz aquele que come pão no Reino de Deus”, com uma parábola que freia a presunção de se considerar um dos justos incluídos no banquete do Messias, mostrando o que acontece com o Reino de Deus, onde a justiça derrota qualquer pretensão, interesse e competição. No desenrolar da cura de um excluído em dia de sábado, Jesus prossegue desmascarando a competitividade e as relações interesseiras ao narrar uma história com a qual mostra as relações novas, instauradas pela justiça do Reino de Deus (14.15-24), onde Deus prepara o banquete para os excluídos.

O banquete é o Reino. Os convidados já estavam sabendo que tinham sido convidados, e o empregado só vai lembrá-los de que o banquete está pronto. Porém, todos dizem, com desculpas esfarrapadas, que não podem comparecer. Que decepção! Os convidados são os fariseus e junto com eles todos os outros hipócritas que se julgam “santos” como eles.

O Reino de Deus é apresentado como banquete em que Deus reúne os seus convidados. Ainda que os representantes oficiais e os habituados à religião recusem o convite, dando mais importância aos seus afazeres, o Reino permanece aberto para aqueles que



comumente são julgados como excluídos: os marginalizados da sociedade e da religião. Sem titubeios Jesus expõe, ao contar a história, o amor e gratuidade propostos pelo Reino de Deus, na concretude da relevante consideração de que ser conhecido e compreendido por alguém, e mesmo assim amado, é o tesouro inestimável!

Portanto, o banquete vai se realizar! A generosidade do anfitrião não é condicionada pelo interesse ou qualidade dos hóspedes. E os convidados agora são de duas categorias de marginalizados. Primeiro os que moram na cidade: todos os que perambulam pelas praças e ruas, maltrapilhos, sujos, famintos, cegos, aleijados, coxos¹, sem moral... Todos os que foram excluídos da vida social.

No entanto, ainda há lugar. Assim, surge o segundo convite: os que estão pelas estradas e caminhos, ou seja, fora da cidade onde se aglomeram os pobres e os “impuros” em Israel bem como os pagãos. A “força” empregada para introduzir esses míseros (v. 23) quer apenas exprimir o triunfo da graça sobre sua falta de preparação, e não uma violação de sua consciência. Esse grupo de convidados ainda inspira a visualizar todos os que estão fora da Palestina, em todos os tempos e lugares do mundo.

Só não há lugar para os que tinham sido convidados e com uma desculpa esfarrapada não quiseram comparecer. Quem garante que “eles” não somos “nós” também? Afinal, não sabemos que o convite para o banquete é o convite para a prática da justiça? Qual tem sido a resposta de nossas atitudes? Uma desculpa qualquer, um entreguismo, indiferença, o silêncio condescendente?

A parábola pôde ser aplicada a judeus que resistiram e a pagãos que responderam. Também é aplicável aos cristãos, pela sua dimensão escatológica. O fato de pertencer à comunidade cristã não significa, necessariamente, ter assimilado o modo de ser próprio do Reino.

Depois da parábola, prosseguindo no viés de dismantelar o pensamento competitivo, interesseiro, excludente e hipócrita, Jesus explicita pontualmente as condições para entrar no Reino, o banquete, ou seja, para seguir o seu caminho (14.25-35). Desafia para a prioridade da vivência da lógica do Reino explicitada por ele nesse dia de sábado. Jesus não exige ódio (v. 26), mas desapego completo e imediato, sendo o apelo a “odiar” um hebraísmo que significa amar menos.

¹ Nos escritos de Qumrã, estes enfermos (v. 21) eram excluídos do combate escatológico e do banquete que o seguiria.



É o ápice, a consequência de tudo o que veio antes: “Qualquer de vocês, se não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo” (v. 33). Assim, é possível compreender o que significa o “tudo o que tem”, pois no contexto de todo acontecimento e falas de Jesus neste sábado agora ele aponta claramente para a renúncia do “inchaço” do orgulho, a sede de competição, a busca de interesses, a desculpa esfarrapada para não praticar a justiça.

Renunciar a toda segurança representada pela família e pela “própria vida” (v. 26), ou seja, ao estilo de vida comprometido com a injustiça. Seguir a Jesus e continuar o seu projeto, ser seu discípulo, é viver um clima novo na relação com as pessoas, com as coisas materiais e consigo mesmo. Nisto se apresenta a cruz que aponta para a disponibilidade de seguir a Jesus até as últimas consequências pela causa da justiça (v. 27).

Conclusão

Por isso o Evangelho salienta a necessidade de pensar antes de tomar a decisão do seguimento do Cristo. A necessidade de refletir antes de um empreendimento importante, sem dúvida o engajar-se no seguimento de Jesus, é o sentido das parábolas que se seguem sobre a necessidade de um construtor calcular os gastos, bem como de um rei que se empreita numa guerra de verificar o número de soldados (14. 28-32). Quem vai construir uma torre deve calcular muito bem os gastos e o orçamento para não fazer fiasco. Quem vai guerrear deve medir bem as forças com que pode contar e avaliar se é melhor lutar ou se entregar.

Desse modo, o evangelista, usando a imagem do sal, faz uma advertência aos discípulos para que não se tornem insípidos, mas que permaneçam fiéis a si mesmos e em primeiro lugar à mensagem do Evangelho. Ser discípulo de Jesus é ser como o sal que dá sabor à comida. Mas, se o sal perde o sabor não serve nem para esterco (v. 14. 34-35).

Seguir a Jesus não é fácil. Não segui-lo, porém é pior ainda. Na descoberta do caminho para a liberdade e a vida não cabe mais a desistência, pois quem vislumbra a verdade jamais a esquecerá. E não será toda essa catequese de Jesus o processo necessário para a nossa liberdade que culmina para a possibilidade de segui-lo no conhecimento da verdade? Afinal, a liberdade não é o desejo ardente que exige o amor no atrevimento de se entregar a se dismantelar em novo “dia de sábado” em Jesus?



Em Busca do Bem Comum:

Política e Economia
nas Sociedades Contemporâneas
04 a 06 de Outubro de 2017



Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

A BÍBLIA DO PEREGRINO. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

CASALEGNO, Alberto. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003.

KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"*. São Paulo: Loyola, 2005.

PAGOLA, José Antonio. *O caminho aberto por Jesus: Lucas*. Petrópolis: Vozes, 2012.

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova historia*. São Paulo: Paulinas, 1992.